

# Violência e fome castigam os garimpeiros de Roraima

Boa Vista — Fotos de Carlos Mesquita

## Expedito Perônico

**BOA VISTA** — Para a maioria dos 50 mil homens que invadiram Roraima desde 1986 em busca de ouro, o sonho acabou. Atraída pela ilusão de rápido enriquecimento, grande parte destes garimpeiros hoje mal consegue sobreviver diante das dificuldades de extrair ouro manualmente das lavras praticamente saturadas. O sonho agora é outro: conseguir alguns grammas que possibilitem a volta à terra natal. O custo de vida no garimpo é um dos mais altos do mundo e violentas brigas por dinheiro, mulher ou bebida fazem dezenas de mortos a cada mês.

Além da questão econômica, os garimpeiros são obrigados à incômoda convivência com os índios. O líder ianomâmi Davi Kopenawa, chefe do posto da Funai às margens do Rio Demini, na divisa com o Amazonas, considera-os "a maior desgraça que já aconteceu na região" e acusa-os de poluir rios e matas. Em contrapartida, Alexandre Ianomâmi, primo de Davi, defende a permanência do garimpo como forma de melhorar a vida de seu povo, vítima das doenças do homem branco e da fome.

**Expulsão** — Apesar de se considerarem habitantes do inferno, os garimpeiros se assustaram com a nova ameaça lançada na semana passada: a Polícia Federal anunciou a Operação Canaimé (espírito mau na língua indígena), cujo objetivo é expulsá-los em 50 dias e depende da liberação pelo Congresso de NCz\$ 24 milhões. A ameaça de expulsão, aliás, é uma constante no garimpo desde outubro, quando o juiz Novely da Silva Reis, da 7ª Vara Cível do Distrito Federal, concedeu liminar a medida judicial encaminhada pelo Ministério Público.

Diante de tantas dificuldades, o quadro geral é de desolação. O paraibano João Sampaio Moreira, de Campina Grande, é um exemplo. Ele deixou o Nordeste em outubro de 1988, achando que ia fazer fortuna no *eldorado*. "Pelo amor de Deus me consiga uma vaga nem que seja para carregar óleo ou cozinhar. Preciso ganhar um *ourinho* para voltar para casa", lamenta-se hoje João, que vive em estado de miséria e mal consegue comer todos os dias. Como os pilotos de pequenos aviões que operam no garimpo são pouco afeitos a dar carona, o paraibano não sabe quando voltará à sua terra.

A falta de perspectiva na cidade leva esses homens a enfrentar qualquer risco na selva. Entre eles, há inclusive pessoas da classe média, acostumadas ao trabalho mais leve nas salas com ar refrigerado. É o caso do jornalista Carvílio Leão Pires que abandonou o emprego de editor-chefe da TV Roraima, afiliada da Rede Globo, para explorar uma balsa no garimpo. Carvílio abandonou as ilusões depois de conhecer a desafortunada vida do garimpeiro que trabalha de sol a sol. O pouco ouro que conseguiu nesta aventura acabou caindo nas mãos de um arrombador de casa. "Eu prefiro esquecer tudo que aconteceu", diz.

**Blefe** — Na maioria, os garimpeiros são pequenos lavradores, comerciantes e até mesmo profissionais liberais que vendem o pouco que têm e começam uma aventura que pode acabar em *hamburro* — a descoberta de uma grande quantidade de ouro — ou em *blefe*, ou seja, a falência total. A segunda hipótese, aliás, é a que ocorre com mais frequência nos garimpos e vem levando muitos pais de família ao desespero e até a morte.

O aventureiro, segundo a autodefinição do paraibano Aroldo de Sousa Falcão, o *Cobrão das Selvas*, uma espécie de Indiana Jones amazônica, não teme nada e já adotou as matas como sua casa e família. "Aqui quem dita as normas é o tempo. A gente só cumpre as leis da mata", diz

ele, que há mais de um ano não vai à cidade: "Que dia é hoje?", perguntou Aroldo, cuja diversão principal é ouvir música brega o dia inteiro e ler revistas pornográficas levadas por pilotos. *Cobrão das Selvas* não conhece mais dinheiro, não sabe da existência de eleições para presidente, anda sempre armado e carrega quase um quilo de ouro no pescoço, distribuído em vários cordões e medalhas. "Isso aqui é minha apresentação. Não tiro para nada."

Outro rico personagem do garimpo é Antônio Lima, o *Lampião*, que não larga seus dois revólveres 38 e um facão, sempre amarrados à cintura. *Lampião* defende sua classe: o patrão tem que ter sorte na escolha dos peões, que são excelentes trabalhadores, mas extremamente violentos. Para manter a ordem, diz *Lampião*, é preciso coagi-los com o uso de armas. Devido ao trabalho duro, que normalmente chega a 15 horas por dia nos sete dias por semana, sempre dentro d'água, os garimpeiros precisam de uma alimentação forte. Comem pelo menos seis vezes ao dia e as refeições são à base de feijão, carne seca e milharina.

**Mortes** — A lei da selva não tem limite. É comum encontrar nas trilhas feitas pelos próprios garimpeiros, muitos túmulos de homens assassinados em emboscadas. Os mortos são jogados no primeiro buraco encontrado ou nos igarapés. "Isso já faz parte da rotina desse inferno. Aqui qualquer um pode ser morto a qualquer momento", diz Osvaldo Jonas da Silva. "Espero que isso não venha a acontecer comigo, eu quero viver muito ainda", completa, enquanto observa chorando as fotografias da filha de oito meses e da mulher.

O custo de vida no garimpo é talvez o mais alto do mundo. Tudo é pago em ouro; cruzado lá não tem o menor valor. Um prato feito custa o equivalente a NCz\$ 132; um refrigerante, NCz\$ 30; e o pernoite em hotel não sai por menos de NCz\$ 300. Para colocar um par de máquinas no garimpo, o trabalhador gasta em média NCz\$ 8 mil só com o frete do avião.

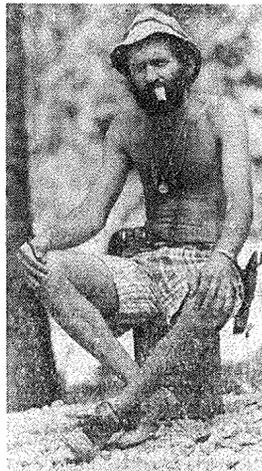
Quem não tem dinheiro sofre mais. Para encontrar um voio, os homens trabalham pelo menos 20 dias sem parar, com risco de sair de mãos vazias. Encontrada a mina, entretanto, após a comemoração com tiros para o alto, outro drama começa. Só é possível extrair ouro com o emprego de máquinas. O jeito é marcar local, enfrentar rios e serras e voltar para a cidade à procura de um financiador. Só mesmo com bombas, há possibilidade de ganhar dinheiro. Esta é uma verdade que o garimpeiro considera inquestionável.

"O garimpeiro é a maior desgraça que já apareceu. Ele destrói nossas matas, estraga nossos rios e ainda traz doenças que matam nossa gente", diz, revoltado, o líder ianomâmi Davi Kopenawa, que comanda expedições para expulsá-los de suas terras.

Alexandre Ianomâmi é o oposto do primo Davi. "Esta história de que índio tem que ficar a vida inteira comendo macacão, banana, peixe e larva de pau podre é conversa de padre. Eu quero caçar anta com espingarda e não com arco e flecha. Quero rádio de pilha, cobertor de lã para espantar o frio, remédio para gripe e comida de branco, que ajuda eu ficar forte", reivindica Alexandre. Com ou sem cobertor, rádio e espingarda, o fato é que a invasão das terras está causando o genocídio das tribos indígenas. "A invasão de Roraima está provocando a depredação do habitat e do patrimônio humano, cultural, físico e geográfico dos ianomâmis", acusa o Comitê dos Povos Indígenas, ligado à Igreja Católica, que aponta "os empresários do garimpo, donos de aviões e comerciantes como responsáveis pela situação".



A extração de ouro só rende com uso de bombas, do contrário é difícil sobreviver



'Cobrão' não teme a selva



'Lampião' anda armado para intimidar os empregados



Doenças de homem branco e fome são as conseqüências da invasão na vida dos índios

## Coragem no céu e nas pistas

Chamados de comandantes, durante o dia os pilotos dos garimpos formam alegres grupos que tomam conta do saguão do aeroporto de Boa Vista; à noite, espalham-se pelos hotéis ou bares da cidade comemorando mais uma vitória sobre a morte. Ninguém sabe ao certo quantos são, pois boa parte deles foge da fiscalização usando como base pistas clandestinas, abertas na periferia da capital. Com certeza passam dos 400, pois os pequenos aparelhos estacionados no aeroporto vão além desse número.

Voar para pistas como a do Paapiú, Baiano Formiga, Paul Grosso, Paraíba, Raimundo Nenê, Garimpinho, Chimarrão e Júnior Blefe é ter menos de 50% de chances de voltar. Por essa razão, o preço do fretamento de pequenas aeronaves em Roraima é o mais alto do Brasil. Não fosse assim não haveria compensação.

"Como é que eu vou arriscar minha vida descendo numa pista como a do Raimundo Nenê se não for cobrando pelo risco que corro?", alega Paulo César Dias, dois anos em Roraima, mais de 10 pilotando em garimpos. Numa viagem ao Paapiú, onde a pista é longa e com boa segurança, ele navegou seu pequeno Cessna durante uma hora e cinco minutos, a cinco mil pés de altitude, debaixo de uma forte chuva equatorial. "E assim tem sido", garante, ressaltando que a maior dificuldade em Roraima é a falta de condições das pistas, "abertas de qualquer jeito por gente que não entende do assunto". Cada pouso é uma tentativa de suicídio em potencial. As condições das pistas são tão precárias, que em 25 dias, no ano passado, em uma delas localizada na região do Catrimani, caíram 12 aviões. Das 60 pessoas acidentadas, apenas três morreram. Um índio em que os que trabalharam na região consideram milagroso.

O custo operacional de um garimpo é excessivamente alto: cada voo fechado com 500 quilos de carga máxima custa 160 gramas (NCz\$ 10 mil); uma *perna* de helicóptero (voo curto de uma hora entre a pista e o garimpo) custa US\$ 1.800. Para quem vai pela primeira vez ao garimpo são necessárias cinco viagens de avião e cinco *pernas* de helicóptero para conduzir um par de máquinas, 500 quilos de mantimentos (suficiente para um grupo de seis pessoas por 45 dias, equipe necessária para operar as máquinas) e 50 litros de óleo diesel.

Quem chega ao aeroporto de Boa Vista tem a impressão de encontrar um bando de motoristas de táxi em busca de passageiros. Tão logo os conseguem, eles partem para verdadeiras aventuras, que, às vezes, tomam o tempo de ida e volta. É o caso, por exemplo, de Alberto Roncatto, um paulista de São José do Rio Preto, que está desde setembro de 88 em Roraima. Numa segunda-feira ele saiu pela manhã com quatro passageiros para a pista do Raimundo Nenê, que não conhecia. Ficou surpreso ao saber, já nas proximidades, que teria que usar um barranco para frear o avião. Um despenhadeiro o esperava 150 metros mais à frente.

Do Raimundo Nenê ele foi para o Garimpinho. E nova surpresa: se não parasse em tempo, lá na frente estavam as águas barrentas do rio Uraicoera, onde repousam alguns aviões que não conseguiram frear. Depois de levantar voo, onde teve que tirar rápido o aparelho do chão e fazer uma curva de 45 graus à esquerda para não bater no morro, ele fez uma turbulenta viagem até Boa Vista. Com pouco combustível, pediu prioridade, mas era preciso esperar um pouco, havia tráfego demais. Sem combustível e sem tempo Roncatto repetiu uma cena já bastante comum nos finais de tarde em Boa Vista: "podou" um Boeing de passageiros e desceu. O combustível mal deu para taxiar até o pátio do aeroporto. (E.P.)

## Solo rico em estado pobre

O grande erro do governo federal é não dar atenção às reservas minerais de Roraima, regularizando as regiões auríferas para transformar o estado em um pólo produtor. A queixa é do minerador José Altino Machado, da União de Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal). Nos últimos dois anos, calcula-se que os garimpeiros arrancaram das terras de Roraima o equivalente a mais de US\$ 500 milhões em ouro. O estado, no entanto, que tem a menor economia do país, por falta de dinheiro ainda não conseguiu viabilizar seus principais projetos — o asfaltamento da rodovia BR-174 (que liga Boa Vista a Manaus) e a construção da hidrelétrica de Paredão. Para as duas obras, o governo necessita de US\$ 185 milhões.

O geólogo Salomão de Souza Cruz, especialista em subsolo amazônico e chefe do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) no estado, confirma o que dizem os ecologistas sobre o solo da Amazônia: com raras exceções ele é pobre, arenoso e impróprio para agricultura, mas abriga praticamente todo tipo de mineral. Entre a pobreza de Roraima e a exploração predatória de seus bens minerais, o engenheiro geólogo Francisco José Sadeck, também do DNPM, acha que a saída é compatibilizar a exploração feita pelo garimpeiro com a realidade. O primeiro passo é definir que tipo de tecnologia deva ser empregada. Não há ainda nenhuma opção para substituir o mercúrio usado em longa escala pelos garimpeiros na procura do ouro. O segundo passo, de acordo com Sadeck, é um eficiente trabalho para a despoluição das áreas atingidas e sua recuperação.